

VACINAÇÃO EM DOSE HOMEOPÁTICA¹

Alguns médicos, mesmo alopatas, estão contestando a propalada eficácia da vacinação, concluindo, através de um estudo mais detalhado, que a evolução e regressão das epidemias não são alteradas pela massificação das vacinas.

Inicialmente vamos analisar a necessidade de vacinação do ponto de vista alopático.

Em seu livro, “L’intoxication Vaccinale” (Colléction Techno Critique – Ed. Da SEVIL, Paris, 1977), Fernand Delarne mostra diversos casos de regressão de epidemia comparando grupos de pessoas vacinadas e grupos-controle não vacinados. O trabalho mostra diversos gráficos, dados estatísticos, concluindo que não há relação entre a regressão de epidemias e a vacinação. O que ocorre é uma coincidência: há diminuição do número de casos quando a epidemia está em seu período de diminuição, pois os casos de doença diminuem mais ou menos na mesma velocidade da população não vacinada².

As epidemias sabidamente ocorrem em “ondas”, e quando se vacina na “maré baixa”, há diminuição dos casos vacinados como dos não vacinados. Da mesma forma, nos períodos de recrudescência das epidemias, há aumento do número de casos tanto nas populações vacinadas como nas não vacinadas.

Ao final desse capítulo, em que examina a relação vacinação e regressão de epidemias conclui:

1. Em condições iguais de vida, as doenças evoluíram por curvas paralelas nos países vacinados e não vacinados;
2. Na ausência de vacinação, as epidemias regrediram em países de nível elevado;
3. A despeito das vacinações, as epidemias não regrediram em países onde as condições de higiene ou nível de vida se opuseram;
4. Nada nos permite afirmar que as vacinações fizeram desaparecer ou regredir as epidemias; tudo leva a crer que a evolução destas nada tem a ver com as vacinações;
5. Apresentar cifras de regressão de doenças a partir das datas em que foi feita a vacinação e omitir as cifras precedentes é uma astúcia publicitária indigna da objetividade científica.

Há ainda uma série de interesses monetários em jogo que não cabe discutir aqui.

¹ Adaptado do texto publicado na Revista Similia n° 53 de Jan/Fev de 1982, escrito pela Dra. Louisa Melkonian Djehdian. Texto na íntegra disponível em: www.bentomure.com.br/revistasimilia/Similia53.pdf pág. 14.

² Vide gráficos de exemplo ao fim deste artigo

SÓ FICA DOENTE QUEM PODE E NÃO QUEM QUER.

Muitos clientes de homeopatia estão familiarizados com os termos *pré-disposição*, *sensibilidade*: dentro de uma comunidade só terá uma doença infectocontagiosa quem for susceptível, isto é, quem for sensível a ela. Muitos entram em contato com a doença, mas apenas uma parte desenvolverá o quadro da moléstia. Esta sensibilidade do indivíduo poderá ser maior ou menor conforme sua carga genética, condições de nutrição, seu equilíbrio vital etc.. Sabemos que não é “bichinho” mas sim o indivíduo a parte mais importante para o desenvolvimento das moléstias³.

Isto explica porque muitas crianças vacinadas desenvolvem, posteriormente, doenças que supostamente não teriam. Muitos argumentam que é porque a vacinação “não deu a proteção suficiente ou por tempo necessário” ou porque o indivíduo não estava em “boas condições imunológicas”. De qualquer forma, esse indivíduo só desenvolverá a doença se for pré-disposto a contraí-la, pois a doença é a energia vital alterada.

Além do conceito de susceptibilidade individual, temos que considerar os ciclos epidemiológicos das doenças: as epidemias evoluem em “ondas” onde sua fase ascendente apresenta quadros “destruidores” (fase epidêmica) devido aos indivíduos não possuírem ainda imunidade adequada para a moléstia; a segunda fase apresenta quadros de “resistência” nos quais o organismo já possui anticorpos, porém, em número insuficiente; finalmente, a fase de imunidade, quando a doença tende a desaparecer, a epidemia decresce, os indivíduos estão perfeitamente protegidos por ela. A vacinação alopática em massa, feita na época de decréscimo da epidemia, dá a falsa impressão de ter sido causa da queda do número de casos, no entanto, os casos diminuem também na população não vacinada.

VACINAR OU NÃO COM A VACINA OFICIAL?

As vacinas são preparados microbianos que, introduzidos no organismo, dão lugar a uma reação defensiva contra uma doença, processo que recebe o nome de imunização (ativa).

³ "Insistimos nesses aspectos da Patologia porque, desde a descoberta da Microbiologia, a Medicina sempre se preocupou com os agentes vivos, considerando-se a moléstia como sendo o resultado da infecção pela quantidade de germens e da sua virulência; no entanto, os fatos da Patologia humana e experimental mostram que isso não é verdade, sendo a parte mais importante o agredido, isto é, o terreno no qual o agente mórbido atua. Ilustrativo é o caso com o químico alemão Max von Pettenkofer (1818-1901), que bebeu uma cultura de vibrião do cólera descoberto por Koch, para mostrar que não se tratava do agente dessa moléstia e não apresentou qualquer alteração; no entanto, o seu assistente, para confirmar esse conceito, ingeriu idêntica cultura, mas apresentou a moléstia, falecendo dias depois. Esses exemplos mostram dois indivíduos infectados com o mesmo agente, da mesma virulência e na mesma quantidade, mas reagindo de modo completamente diferente..." (Maffei, Walter Edigar - Os fundamentos da Medicina - Comentário sobre os Mecanismos de Defesa do Organismo, pág: 442 Vol. 2 - 1978.).

Conforme sua classe, a vacina pode conter micróbios vivos, cuja virulência tenha sido atenuada, ou micróbios mortos que conservam suas propriedades capazes de estimular a produção de anticorpos. Outro tipo de vacina contém toxóides, isto é, toxinas específicas cuja toxicidade foi eliminada. Portanto, todas as vacinas agem de modo material, em substância, pois a vacina é isopática (cura pelo igual). Talvez por isso que alguns homeopatas com pouco conhecimento sobre a Doutrina Homeopática, acabam se confundindo e posicionando a favor das vacinas. Acreditam eles que por elas serem feitas do mesmo princípio das doenças que querem curar, são homeopáticas, e que Hahnemann teria sido a favor das vacinas. Hahnemann posicionou-se favoravelmente à vacinação de Jenner (vide *Organon da Arte de Curar*, parágrafo 46 e 56) é preciso salientar que aquela vacina, *obtida a partir de uma doença semelhante à varíola*, (no caso, a varíola bovina), não era a mesma doença, mas ambas, a vaccinia e a varíola, são somente muito semelhantes e de modo nenhum a mesma doença, vale ressaltar que a Homeopatia age pela Lei dos Semelhantes ou seja, homeopaticamente e não pela Lei dos Iguais, isopaticamente.

Porém, no caso da vacina oficial, além do efeito que ela possui, ocorre o efeito provocado pela ação material da vacina, que vai provocar uma reação alérgica qualquer no organismo, pois se trata de um corpo estranho. É comum ver-se reações tais como febres, “gripes”, otites etc., ou uma forma atenuada da moléstia.

As vacinas oficiais contém várias substâncias presentes em seus preparos, que atuam como conservantes e estabilizantes (Timerosal, cuja sua base é o mercúrio proibido no Mertiolate mas não nas vacinas), Neomicina que é um antibiótico, sorbital e ainda a proteína obtida de ovos da cultura em que algumas vacinas foram produzidas. Sabendo que muitas pessoas são sensíveis "alérgicas" a talvez uma delas, ou a todas elas, o governo ao tomar uma posição obrigando a vacinação sem antes pedir um teste de sensibilidade (alérgico) individual, incorre em um ato criminoso, em que pode e já foi comprovado existirem inúmeros casos de reações que levaram a pessoa vacinada a morte.

No livro já referido, Delarne fala da insensatez de nossa fúria vacinal: “A interação entre o vírus e o sistema imunológico pode induzir a alterações tissulares traduzidas por lesões renais, vasculares, articulares e outras”; Estabelece a relação entre leucemia, câncer e vacinação: “Sabemos perfeitamente que certos linfomas malignos são observados em animais ou doentes submetidos a uma estimulação incessante de seus órgãos linfoides (citação de “Horizons Médicaux”). O que é a vacinação senão uma estimulação repetida e intensa dos órgãos linfoides? Pensemos que submetemos habitualmente as crianças a 20 a 25 dessas estimulações.” A seguir, ele pergunta: “Com que direito alteramos o delicado equilíbrio da multidão de funções do nosso corpo, a maioria dos quais nos são desconhecidos, através da imunidade artificial?”

Antes de terminar, ele ainda comenta a alteração do equilíbrio ecológico dos vírus provocada pela vacinação e a série de sequelas que se relacionam a ela, além de

comentar os acidentes clássicos de vacinação. É preocupação constante de qualquer médico homeopata a chamada “sicotização” ou intoxicação vacinal.

VACINAR OU NÃO COM HOMEOPATIA?

A profilaxia em homeopatia foi poucas vezes comprovada por dados estatísticos, porém, sempre foi usado como medicamento homeopático preventivo com bons resultados práticos.

Hahnemann já fazia referência sobre medicamentos dados profilaticamente (ele cita o caso de escarlatina — naquela época epidemia em fase de ascensão, de casos graves, moléstia destrutiva, conforme já referimos — e o uso de *Belladonna*; cita também o medicamento do gênio epidêmico, isto é, o medicamento que cobre os sintomas da maioria dos doentes de uma dada população).

Em 1974, um grande estudo estatístico foi feito em Guaratinguetá, cidade do Vale do Ribeira, zona pobre, onde a meningite atingiu altos índices. Os trabalhos foram dirigidos pelo Dr. David Castro (1915 - 1980) e pelo Dr. Galvão Nogueira (1945 - 2000). Foram vacinadas 20 000 pessoas, sendo que 15 000 abaixo de 15 anos de idade, com uma gota do *Meningococcinum* C10; o custo, portanto, foi baixíssimo. Na ocasião, a população da cidade era de 150 000 habitantes. Os resultados foram extraordinários, especialmente se comparados com os resultados das cidades vizinhas Taubaté e Pindamonhangaba.

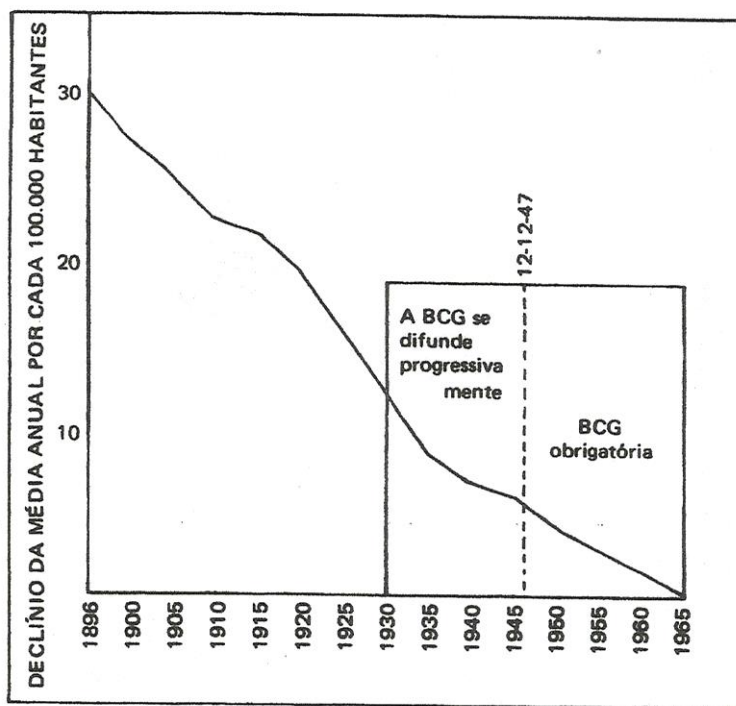
Guaratinguetá foi a cidade com menor incidência de casos de meningite e isso persiste atualmente.

Temos que observar que a meningite é epidemia cíclica, com um período de cinco a sete anos, aqui em São Paulo. Quando foi feita a vacinação em massa pelo governo, a epidemia já estava em fase de declínio e, portanto, a queda ocorreria com ou sem a vacinação. Mesmo assim, comparando-se os dados da vacinação homeopática e da oficial, a diferença foi significativa.

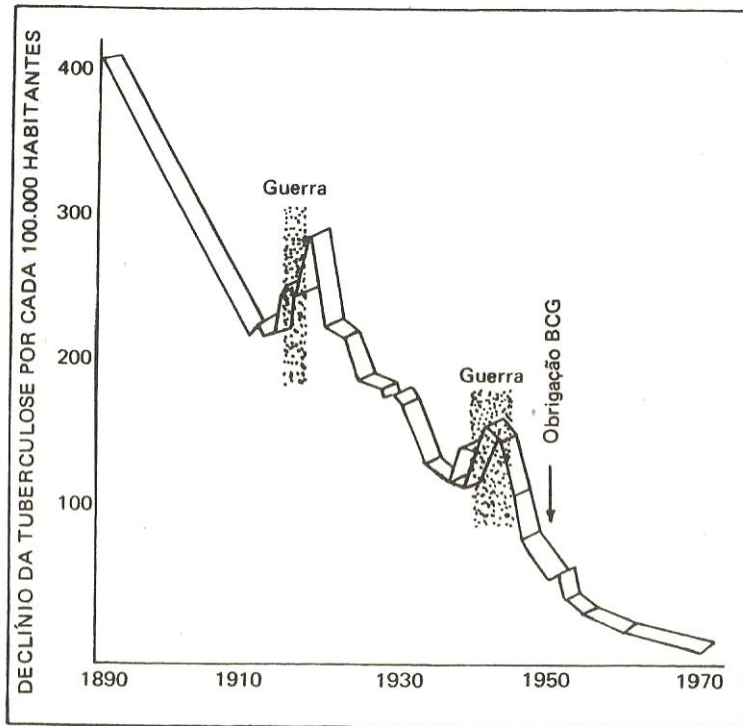
A maioria dos colegas homeopatas segue a seguinte orientação: os casos bem acompanhados homeopaticamente, com seu equilíbrio vital adequado, pacientes bem homeopatizados com medicação chamada “de fundo” atuando, não são vacinados nem homeopaticamente. Estes indivíduos estão protegidos, “vacinados”, pois sua energia vital está equilibrada.

Tuberculose:

Os dados mostram que a evolução da tuberculose nos diferentes países nos últimos 100 anos se fez independentemente de todas as medidas ou inovações médicas:



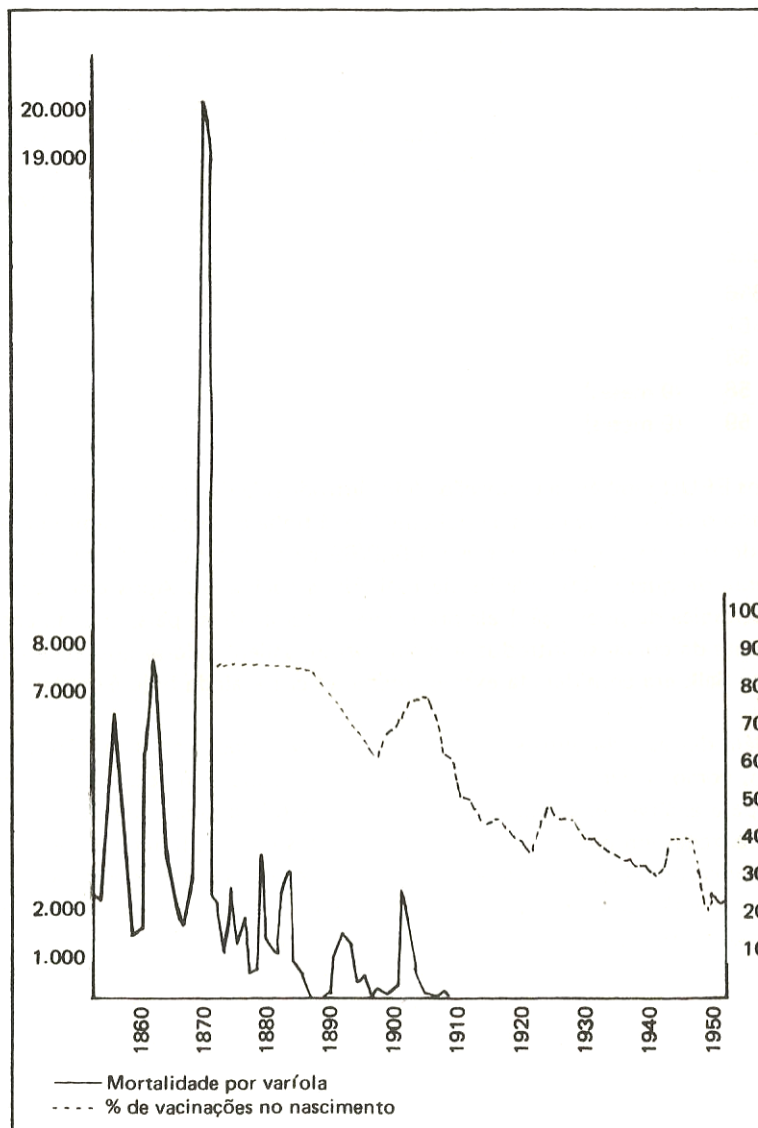
Declínio da tuberculose na Noruega. Fig. 18, pág. 67.



Evolução da mortalidade por tuberculose na França. Fig. 19 – pág. 68.

Pelos gráficos vê-se que o tratamento tríplice e a vacinação pelo BCG não tiveram qualquer influência na evolução da tuberculose mundial e nesses países, podendo eventualmente, no entanto, terem influenciado surtos epidêmicos locais.

O gráfico abaixo mostra claramente que mesmo sobre a fase evolutiva da varíola – epidêmica ou a seguinte de resistência, quase benígna, a vacinação não teve qualquer influência:



Mortalidade pela varíola e vacinações. Cifras do Ministério de Saúde Pública da Grã Bretanha. Fig. 15 – pág. 60.